



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/cartografando-criacoes/>

Cartografando criações que espreitam resistências em reexistências

Keyme Gomes Lourenço [1]

RESUMO: Este trabalho é um ensaio sobre os vazamentos no ato de criação em cinema, grafite e lambe-lambe. As criações aqui reúnem-se em linhas que formam uma cartografia traçada sobre o pensamento da diferença, das fronteiras e das forças que emergem em encontros. O que pode o ato de pensar a criação? Ensaio vazamentos possíveis para as forças que cocriam resistências em arte, em pensamento, em vida. Rizomando estes pensamentos pela cartografia de imagens: fotografias, lambe-lambes e cinemas. Criações de artista-pesquisador-filósofo-educador em foco, em cartografia, coexistindo com afetos, criam marcas em nossos corpos. Estas saem navegando e recriando, até fartar-se novamente em outro território. O que derramastes no voo? Como reunir as linhas em forças de potência para criar em resistência?

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia. Ato de Criação. Arte-resistência.

Cartography of that lurks resistance in reexistences

ABSTRACT: This work is an essay on the leaks in the act of creation in cinema, graffiti and lambe-lambe. The creations here come together in lines that form a cartography drawn on the thought of difference, borders and forces that emerge in encounters. What can the act of thinking about creation? I test possible leaks for the forces that co-create resistance in art, in thought, in life. Rhizome these thoughts by the cartography of images: photographs, lambe-lambes and cinemas. Creations of artist-researcher-philosopher-educator in focus, in cartography, coexisting with affections, create marks on our bodies. These go sailing and recreating, until they are satisfied again in another territory. What did you spill on the flight? How to bring the lines together in forces of power to create in resistance?

KEYWORDS: Cartography. Creation Act. Art-resistance.

Ocupando e co-criando ninhos em arte

Uma obra de arte é uma criação, mas o que quero chamar atenção é como essas criações, mesmo após “criadas”, não adormecem, elas co-criam em vida comigo. Não é uma obra, ou outra obra. É uma obra e uma criação e uma cocriação todas em coexistências. Entre elas enquanto obras de artes, entre eu e elas como artista-criador, entre eu, as obras e uma cartografia que fareja afetos.



Como as obras de artes cocriam resistências enquanto faço nelas maneiras de poder existir. Que forças humanas e não-humanas são reunidas em um ato de resistência?

O estilo de arte urbana que mais gosto de praticar é lambe-lambe, todos os dias a arte “pronta” está diferente. Os artistas do lambe precisam se acostumar que as pessoas põem a mão na obra, toca, toca, lambe-lambe e toca. Farinha e água, temperatura, esponjinha, parede e sol.



Imagem 1 – Estamos Ocupados. Fonte: Acervo da ocupação do Valle em 2016 na Universidade Federal de Uberlândia, contra a PEC do Teto e impeachment da Presidenta Dilma. Obra: Keyme Lourenço.

Já estive ocupado porque quis. Não porque quis, pois, o ‘quis’ não é só querer é necessidade. Seria inteligente então querer ‘necessidade’. Necessidade de ocupar, de ser/estar “em à” e “em em”.

Ocupado em cima de várias outras ocupações, aberto para mais ocupações por cima formar.

Eu me ocupava porque tinha necessidade de estar ocupado. Por arte, por amigos, por vozes, por água, por pássaro, por árvores, por vir.

Hoje me ocupo porque tenho outras necessidades, as necessidades ocupam outros espaços dentro de nós em vários tempos. E hoje me permito desocupar para ocupar.



Catherine Walsh (2007) em seu trabalho expõe as dimensões que coexistem nos movimentos-criações sociais, culturais, epistêmicos, existenciais, filosóficos e políticos, as quais atuam de maneira afirmativa e celebrativa dos sucessos intelectuais e epistêmicos europeus, de modo que silencia, (re)nega e rejeita formas outras de racionalidades, histórias, artes, corpos e... Provocado por essas leituras, reinvento para que as criações, e o pensamento sobre o ato criativo, não se bastem para (re)afirmar epistemologias. Mas sim, para libertar desejos, dar vozes a objetos, coexistir, reinventar.

Por isso rabisquei muitos muros sempre que os via brancos. Branco da Paz! BESTEIRA! Os brancos nunca me trouxeram paz! “Muros brancos corpos calados”, e meu corpo fala, fala de tudo, os dedos falam, o queixo fala, o céu da boca fala, o canto do pé fala. Lábios também falam, beijam, xingam, assobiam, como passarinho... Quero acervar minhas resistências na espera. Até a tinta sair do muro, até o pixo sumir no escuro, até a chuva lavar as cores, até os ventos avivarem borrões. É aí que eu resisto. Sujando a mente branca, manchando muros brancos, respingando, dando voz às partes do meu corpo antes caladas. Eu (in)vento na espera...

Tudo bem apagarem os meus desenhos dos muros,

Eles passarão... Eu passarinho! [2]



Imagem 2 – Bem-te-vi em cores. Fonte: Acervo do autor. Técnica: Tinta Spray sobre parede. Obra: Keyme Lourenço.



Imagem 3 – Evolução do Desgaste Queer. Fonte: Acervo do autor. Obra: Instalação ‘Esse banheiro é um Museu’, na Universidade Federal de Uberlândia por Keyme Lourenço. Em foco: Evolução dos rasgados em obras de lambe-lambes Queers em porta de banheiro.

Mesmo a obra de lambe-lambe toda rasgada, agredida, picada, unhada, ela ainda uiva para o múltiplo, em ausência, pelo uivo convocando a matilha. O uivo faz;

[...] Ressonar potências que em tempos de crises nos provocam a necessidade de fazer inversões em ações coletivas capazes de mover corpos para fora da existência formatada, de exercitar o constante movimento de estar nas bordas [...]. (Vaz; Estevinho, 2020, p. 12, tradução nossa).

Não é necessário mais o decalque de uma coruja para verem uma! Em um muro branco de desenhos apagados, elas ainda veem a coruja.

O lambe-lambe é uma expressão artística urbana, que junto ao grafite, stencil, pichações, sticker art, estátuas vivas, street dance, instalações e... constituem as Artes Urbanas. São todas estas que



mudam as paisagens das cidades, que reciclam, que eternizam, territorializam e resistem. No Brasil a prática teve seu início e popularização na década de 1970, em plena ditadura militar. Pela oposição e militantes, a arte lambe-lambe, abria-se às cores, mensagens, críticas, demarcações de territórios, avisos... à resistência.

Um dia ouvi de um professor do curso de artes da Universidade Federal de Uberlândia que: “Tudo que é possível de imaginar, é possível esculpir”. E após colar tantos lambe-lambes, em tantas paredes, nas mesmas paredes e em outras paredes, depois de ver tanta gente fazer lambe-lambe, *oficinar* pessoas à colar lambe-lambes, de criar lambe-lambe *do zero*, construir lambe-lambes em cima de lambe-lambes prontos, fazer “lambe do lambe”, posso dizer que a arte lambe-lambe é realmente uma arte do possível. “Tudo que é possível de imaginar, é possível lambe”.

Lambe-lambe desterritorializa a parede, ele evoca o devir-janela das paredes. Uma parede que tem lambe-lambes não é mais parede, é janela. Os olhos não veem mais parede, o que se vê é delírio, rota de fuga, vazamentos, o “outro lado”, caos arquitetônico, têm sinais nervosos, signos, metáforas, referências, identidades, opiniões, e... Acho que vou rasgar esse desenho.

Um recente trabalho publicado na *Revista Alegria*, construído em Matilha Uivo, cartografa os encontros (em contos), que tricotamos janelas pensando a criação de novos mundos, e no fim daqueles nos quais respirar [pelas janelas] já não é mais possível. Esse trabalho me ajuda muito a pensar as janelas que há, que são, que serão, que deixam vazar, que fazem parar, que guarda o dentro do fora, devir-janelas. Quando penso em janelas, territorializo aberturas que abrigam o outro lado, o lado de lá e de cá. O que há do outro lado?

Pelas janelas eu respiro
Piro com os barulhos, perco o sono, vigio e sou vigiado
Entra vento, poeira, mosquito, barata, passarinho, morcego, gato
Entra música do vizinho, cheiro de cigarro, barulho de carro e caminhão
Entra calor e frio, secura e umidade



Na humildade da janela, espaço-do-nada, pode acontecer tudo!
 Posso fugir e pode entrar ladrão
 Sai um pouco de mim e entra muito do outro
 Em derivas afetivas,
 A janela permite que meu corpo seja perfurado pela rua
 Pelas pessoas que lá passam
 Ao sair de casa e ao dormir, fecho a janela
 Ao sair quero a segurança do quarto
 Ao dormir, a minha segurança
É que a janela, ao mesmo tempo que me permite respirar, também é um espaço de fragilidade
 Que preciso para viver
 (Sales, et al., 2020, p.377)

Os lambe-lambes geralmente acordam rasgados, não que lambe-lambe durma, mas talvez ele durma: na mente territorializa, no pensamento de quem passou na rua do lado de um muro marcado em processo desbinarização do branco, do calado.

Agora são mais corpos não calados. Do artista, e de cada um que pela rua passou e agora podem se tornar artistas, criadores, de si mesmos, de outros mundos da sua imaginação, e segue caminhando pela calçada compondo e (des)compondo e (re)compondo... até se esquecer da sua criatividade novamente numa calçada cercada de muros brancos.

Ao vermos paisagens em ruínas com lambe-lambes lançamos sobre elas nosso olhar, que em contrapartida recebe, - em devolutiva, inquietações de outras ordens, ideias-memórias que ritmizam territórios da linguagem, da imagem, dos signos e das representações que, do virtual ao atual, na contemplação da arte/paisagem evoca em nós consciências que remetem ao 'outro'.

Identidades como Paisagens, que compõem um todo a qual pertencem, e como em toda paisagem, há sempre mudanças. Stuart Hall (2006) argumenta que a modernidade e suas



reverberações que advém da colonialidade estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (Hall, 2006, p. 9). As diferenças, mudanças e disputas entre identidades, em busca do “pertencimento”, do estar em paisagens, nos coloca a pensar como podemos (des)administrar todas essas mudanças, de modo que (não) nos percamos em caminhos feito só de buscas.

Eu gosto de decorar ruínas (in)habitáveis desse amontoado de muros que são as cidades. Arte e ruínas, arte em ruínas. Gritar tão alto que paramos de ouvir. E o silêncio no caos que é mundo, colore.

Lambe-lambe é arte, é palavra, dá pra fazer artes com palavras. Lambe-lambe é cor mesmo que cinza, lambe-lambe é movimento mesmo que em um ponto de ônibus que nunca saiu do lugar. Conversações desverbalizadas, lambe-lambe é desequilíbrio da linguagem.

Há duas definições quais traço intensas cartografias em minha pesquisa de mestrado, que acho importante relacionarmos às paisagens lambe-lambes, ou até mesmo aos próprios lambes: I) Na fotografia-lambe tudo é forma; II) e toda a forma é conteúdo. Quais conteúdos? Conteúdos reservatórios da memória.

Olhar paisagens eternizadas em imagens (sejam na galeria do celular ou impressas e coladas na parede com cola de farinha) convoca mudanças aos nossos olhos, precisamos de outros olhos, do olho do outro.

Minha inquietude fatura pensamentos sobre exílios. Intervir nas paredes é dar papéis principais a figurantes, provocar olhares que devir-ausências-de-si, para que assim os mistérios das obras-artes, pelas paredes-janelas, tornem-se visíveis. Que capturas possíveis do possível há?



Lambe-lambe, cola, repete, sequência, fileira, repete, um muro todo, pingos pelos muros, da farinha com água aos fotógrafos ambulantes das praças [3], o lambe-lambe faz se presentes em muitos lugares. Como em um filme-poesia que fiz...

Em sequência, cada imagem que repete monta um frame, que monta um tempo, contam histórias, cem histórias. A poesia do desajuste que surgiu de um encontro de *professorxs e cartografias de escolas* [4], onde fui provocado a pensar na produção das normalidades e seus anormais, senti necessidade de desenhar e colocar movimento no desenho.

Para assistir o curta-metragem Poesia do Desajuste no Festival do Minuto leia com a câmera do celular o QR CODE:

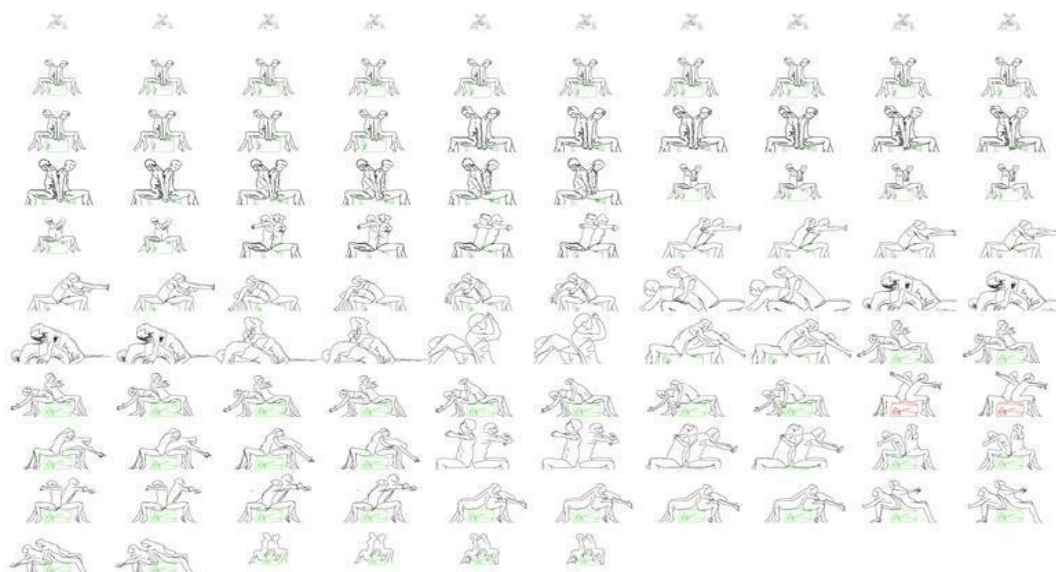


Imagem 4 – 106 frames do curta-metragem ‘Poesia do Desajuste’. Fonte: Acervo do autor.



POESIA DO DESAJUSTE

Para Normais

Troncam versos dança

Dança com eu de pam

Alça tais verbos corpo dança

De chegar e não ensaio

Entraçai as ti

Mascando com céu da boca escuro

Ex no seio nuvem

Ser junto chuva

E remos? Sertão

Balé desajustado

Exigente

Capaz tais

Tempo

Prazo

Há

Houve

A resistência se comporta muito parecido com um grito. É a voz, mas com potência, não é falada, pois ela faz pressão no diafragma, contração da faringe. Resistência assim como o grito não vem só da boca, se forma no fundo da garganta. Resistência surge no fundo e vem rasgando órgãos, e quando chega “no fora” pela boca, vira luta. Resistência é corpo sem órgãos.

Cartografando afinidades entre obras de arte e o ato de resistência... “Qual a relação misteriosa entre uma obra de arte e um ato de resistência?” (Deleuze, 1999, p. 13).

O que pode uma resistência no audiovisual? Quais vazamentos em isolamento, vontades de resistência encontram?



[...] a utilização de um recurso de mise-en-scène que poderia de algum modo soar muito óbvio nesse momento, o desktop movie, nega as convenções de se limitar totalmente à tela do computador. Menos que um espaço que pretende centralizar tudo e a partir daí se impor desafios de encenação – e, conseqüentemente, se atrapalhar no processo, como é o caso de *Searching* (2018), último grande sucesso a se utilizar do recurso – aqui o ambiente virtual funciona como um espaço de rápidos estímulos visuais, que logo situam o espectador não apenas no tempo (o período de isolamento em que as comunicações estão limitadas ao uso das redes), mas também dentro desse ambiente ficcional do filme: o de uma misteriosa missão a ser cumprida, misturando realidade e fantasia, propondo um olhar que não é passivo à situação da pandemia, mas que acusa a ineficácia e negacionismo estatal ao lidar com ela. Ao final do filme, a apropriação de imagens que datam do começo da situação instiga a especulação por parte do espectador, que se questiona quão diferente tudo poderia ter sido caso fosse outra a atitude adotada, ainda que toda essa possibilidade soe utópica demais [...] (Festival Metrô Universitário, 2020).

Este grifo é parte da crítica feita por Davi Braga sobre o filme *Exocontrole* (2020) no 4º Festival de Cinema Universitário, a qual recebi com muito carinho.

O que pode o criar de um outro mundo com quem assiste uma obra visual? O porquê desta intenção de multiplicar, de fissurar, sempre em descobertas de algo outro?

Arte potencializando a criação de afectos e perceptos. Afectos e perceptos formando ‘blocos-sensações’ que permitem que a arte por si mesma resista. O que a arte e a filosofia têm em comum é resistir, resistir à morte, à servidão, ao intolerável, à vergonha e ao presente.

[...] Como a arte resiste... Através de quais através? Com que processos? Por meio dos conceitos de afectos e perceptos? Onde ela resiste? Um plano artístico? Em nós. Arte como criadora de blocos de sensações, blocos de sensações que competem juntos a possibilidade de inaugurar novos mundos e abrir novos campos de possíveis [...]. (Lourenço; Estevinho; Cunha-Junior, 2020, p.142).



Tecendo conexões com a palestra de 87 de Deleuze, enquanto os pensamentos se (des)formam, farejo os caminhos que eles passaram antes de devir pensamentos.

O que é arte? “Arte é aquilo que resiste, mesmo que não seja a única coisa que resiste” (Deleuze, 1999, p. 13). Esta é a relação menor entre ato de resistir, resistência e obras de arte.

Atos de resistência não são obras de arte, mesmo que as artes de certo modo façam parte deles. Obras de arte não são um ato de resistência, no entanto, de uma certa maneira, acabam sendo.

[...] O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e é também um ato de arte. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens. Não existe obra de arte que não faça apelo a um povo que ainda não existe [...] (Deleuze, 1999, p. 14).

Convido você a ver o filme *Exocontrole* (2020) apontando a câmera do celular para o QR CODE:



Reterritorializando...

É isso que a arte quer de mim, quer que eu crie chances de coexistir, resistir, existir. O que ela quer da gente é coragem, e em processos de criação, entre vai e vem de vontades e necessidades, podemos recriar possibilidades esquivando de criações finitas, arbóreas, — “já sofremos demais com a árvore” (Deleuze; Guattari, 1995, p.24).



Cartografia é rizomática, afetiva, inteligente, coerente com o por vir.

Pela cartografia podemos provocar em cada existência passagens de afetos que habitam o entre filosofias e ciências e artes, que é onde quero permanecer como pesquisadora, nem um ou outro, mas sim, o entre. Uma cartografia equilibrada, de borda.

Crio cartografias enquanto acompanho criações. O critério aqui, como comenta Rolnik, "é, fundamentalmente, o grau de abertura para a vida que cada um se permite a cada momento" (Rolnik, 1987(2018), p.03).

Fico à espreita de rachaduras que vagueiam em meus sentimentos, medindo suas longitudes e latitudes, à espreita de fissuras, fendas nas quais eu possa me enfiar. Sair delas com ideias fecundadas desta intromissão, participação. Enfiar-me em surgimentos antes que eles se fechem, e logo depois que entrar, forçar seu fechamento, para que eu não possa por ali, voltar mais.

Cartografo essas conexões fecundadas com intenção de me perder nesse rizoma, a fim de me tornar ele/parte dele e assim, provocar e criar mais conexões, me lançar nelas, unir pensamentos nômades, picá-los em terra vermelha e ver germinar mais rizomas.

É assim que um cartógrafo dança desterritorializações enquanto percorre os mapas que criou: forçam fechamentos quando em fissuras, restando à multiplicidade apenas [em busca de movimento] — ou cavar mais esta fissura criando tocas, rizomas, suas próprias fissuras, — ou espreitar todo tempo no surgimento de rachaduras.

Dançar desterritorializações é dominar a criação destas a ponto de conseguir delas fazer/criar passos-de-danças.



Que arte eu faço? Arte do entre como resistência, — se aqui a arte que faço é entre arte e ciência e filosofia, estas tornam-se minhas tecnologias para apropriar-me de povos inventados por mim e pelas artes que faço.

Arte que invento, que me inventa, que venta povos inventados pela arte que venta. Políticas de desexistência, enquanto resisto com arte nas frestas da existência. Essas forças necessitam, um corpo é desejante, é coexistir.

Entrever nas imagens pensamentos em rizomas.

Artes-janelas buscando saídas à rigidez da nossa sobrevivência.

Minhas provocações artísticas resistem, mas não resistem apenas pelo seu direito de existir, jamais! Resistem porque forças que destroem possibilidades não podem vencer a beleza das coisas possíveis.

O pensamento, esse sim, é importante para Deleuze.

Nem artista, nem cientista, nem filósofo ‘descobrem’, tudo é produção do pensamento, ou melhor: tudo é produção do movimento. Disciplinas inventivas criadoras. Esta escrita é uma escrita permeada pela criação, então entre estes grifos, entre as criações, indiscerne-se o que ora poder ser arte (entre), ora ciência (entre) e ora filosofia.

Linhas estrangeiras na ponta do lápis, que quando risca desenhos, os rabiscam com cores. Inauguram a criação, sem vontade de verdade. O ato de criação como ato de pensar o próprio pensamento.



Arte-resistência contra o dogmatismo, binarização e necropolíticas, ventar em cenários fascistas, sufocar normas, fertilizar à multiplicidade no pensamento. Escrever é cartografar. Cartografar é criação.

O pensamento é fruto de uma agressão. Arte e filosofia agredem para fazer pensar. Filosofia, ciência e arte devir-potências-pro-desajuste, assim, devir-ato-de-resistência.

Bibliografia

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação** [Palestra de 1987, tradução José Marcos Macedo]. São Paulo: Folha de São Paulo, 1999. Disponível em: <https://lapea.furg.br/material-pedagogico/oficina-de-video>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**. v. 1. Rio de Janeiro: Ed, v. 34, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURENÇO, Keyme Gomes; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli; CUNHA-JUNIOR, Ezequias Cardozo da; O cinema de Kiarostami em devir biologia. In: FALEIRO, Wender; VIVEIRO, Alessandra Aparecida; ASSIS, Maria Paulina de (org.). **Inovação; letramento científico: caminhos e descobertas no ensino de Ciências da Natureza**. Livro 7. Goiânia: KELPS, 2020. p. 137-159. Disponível em: <https://kelps.com.br/catalogo/inovacao-e-letramento-cientifico-caminhos-e-descobertas-no-ensino-de-ciencias-da-natureza/>

QUINTANA, Mário. Poeminha do contra. In: QUINTANA, Mário. **Poemas para ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil**. Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC. São Paulo, 1987(2018). Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil>.

SALES, Tiago Amaral; VAZ, Tamiris; GARLET; Francieli Regina; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli; LOURENÇO, Keyme Gomes; BORGES, Nicole Cristina Machado. Tricotando janelas: encontros e desencontros à espreita de um pesquisador. **ALEGRAR**, Campinas, v. 26, ago./dez., p. 375-392, 2020. Disponível em: <https://alegrar.com.br/dossie-26-44/>



VAZ; Tamiris; ESTEVINHO, Lucia. Potencia del aullido para existencias singulares en manada. La Deleuzina - **Revista on line de filosofía**. Número especial 1/2020. p. 12-22, 2020. Disponível em <http://www.ladeleuziana.org/wp-content/uploads/2020/10/3.-Vaz-y-Estevinho.pdf>

WALSH, Catherine. **"Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento "otro" desde la diferencia colonial."** El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global (2007): 47-62.

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021



[1] Mestranda em Educação (PPGED/FACED), Licenciada em Ciências Biológicas (INBIO) e Graduada em Direito (FADIR) pela Universidade Federal de Uberlândia. Lobo da Matilha Uivo (UFU). Bolsista CAPES. Cinemas, filosofias, políticas, imagens e culturas. E-mail: keymelourenco@gmail.com

[2] Inspirado em Poeminha do Contra de Mário Quintana (2012).

[3] Inspirado nos folclóricos ‘fotógrafos lambe-lambe’ que trabalhavam pelas ruas e praças da cidade de São Paulo na década de 1970.

[4]O curso está disponível online em: <https://www.youtube.com/channel/UCVviSje7ElojsjkzfAl3HQ>